

CALPÚRNIO SÍCULO E SUAS *BUCÓLICAS* I, IV E VII: UMA VISÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO NERONIANO

Ivone da Silva Rebello (SEEC-RJ)

ivonerebello@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente trabalho é um estudo sobre a obra do poeta romano *Titus Calpurnius Siculus*, autor de sete *Bucólicas*. A escolha dos poemas I, IV e VII deve-se ao fato de os mesmos abordarem temas políticos, os quais recuperam eventos históricos que assinalam o período em que Nero reinou. O poeta apresenta o programa de governo desse soberano durante o seu primeiro quinquênio de atuação: justiça, liberdade, segurança e paz.

2. O poeta e seu engajamento político no período neroniano (54-68)

Tito Calpúrnio Sículo, que viveu sob o reinado de Nero, é autor de sete *Bucólicas*. Nessa sua obra, o poeta faz alusões ao imperador Nero, louvando o reinado desse soberano, colocando-o como sendo o iniciador da Idade de Ouro, em Roma. A partir de uma interpretação crítica de sua obra, o poeta é apresentado como tendo vivido na corte de Nero, conforme afirma a maioria dos críticos, pois não existe entre os autores antigos notícia alguma sobre a sua vida.

Quanto ao sobrenome *Siculus*, numa explicação mais simples, indicaria a pátria do poeta, pois no manuscrito de Gerhard Johan Voss (VOSSIUS, 1577-1649), o seu nome é acompanhado do sobre nome *Sicilien*, fazendo-nos crer que o poeta era originário da Sicília – era costume dos autores de épocas remotas adotar, como sobrenome, o nome de sua pátria. Quanto às funções ocupadas por Calpúrnio na Corte imperial, segundo Flávio Vopisco, na *História Augusta*, ele exercia o cargo de *magister* ou *dictator memoriae*, isto é, um dos secretários e arquivistas do imperador. Esse posto exigia grande honestidade e muita instrução, e o titular devia estar sempre à disposição do imperador.

Acredita-se que a *I Bucólica* foi escrita no início do governo de Nero, por volta do ano 54 ou 57 d. C. Segundo Suetônio (1966, p. 187), esse novo governante, a quem estavam confiados o destino de Roma, prometia voltar aos ideais de Augusto.

Na ânsia de dar uma ideia ainda mais nítida do seu caráter, após haver declarado “que reinaria de acordo com os princípios de Augusto”, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberdade, sua clemência e até mesmo sua amabilidade.

Tácito (s./d., p. 189), também narra, com clareza, a administração desse novo soberano:

Nero foi ao Senado e [...] expôs o programa do futuro governo, referindo-se principalmente aos motivos dos últimos agravos, e acentuou que não devia ser o príncipe, o juiz de todos os negócios, [...] que a ele não teriam acesso venalidade e as intrigas, e entre sua casa e a república se estabeleceria completa distinção: que ao Senado seriam asseguradas suas antigas atribuições; [...] que a ele caberia o governo dos exércitos.

Não conhecemos, portanto, muitos detalhes sobre a vida do poeta, porém podemos presumir que ele se identifica atrás de seu personagem Coridão.

3. *Calpúrnia e suas bucólicas*

As *Bucólicas* I, IV e VII apresentam claramente a época de Nero, sendo, dentre as demais, as de caráter político.

Na *Bucólica I*, Fauno profetiza as glórias da Idade de Ouro, a qual estaria começando sob o governo que restauraria as leis passadas e a ordem, não importunaria o Senado e propiciaria uma pacífica religiosidade como nos dias de Numa Pompílio:

*Aurea secura cum pace renascitur aetas,
Et redit ad terras tandem squalore situque
Alma Themis posito, juvenemque beata sequuntur
Secula, maternis caussam qui lusit in ulnis.*

(*Buc.* I, 42-45)

A Idade de Ouro renasce com tranqüila paz,
E finalmente, a propícia Têmis volta às terras, acabada
A aflição e a miséria, e os séculos felizes seguem
A um jovem, o qual mostrou com alegria a sua condição nos braços
[maternais.

*Plena quies aderit, quae stricti nescia ferri
Altera Saturni revocet Latialia regna,
Altera regna Numa...*

(Buc. I, 63-65)

Uma paz plena chegará que, desconhecadora do ferro
[desembainhado
Restabelecerá os outros reinos latinos de Saturno,
Os outros reinos de Numa...

Além disso, o novo imperador compromete-se a defender a causa da mãe que deu origem a *gens Iulia*, e o excêntrico Nero é visto como um *Iulius*, o qual fala do povo de Ílion, referindo-se à legendaria vida de Eneias e seu filho. O poeta alude claramente ao discurso pronunciado por Nero em defesa dos habitantes de Ílion (*Bucólica* I, 45-73):

*...Nullos jam Roma Philippos
Deflebit, nullos ducet captiva triumphos.
Omnia Tartareo subigentur cárcere bella*

*Plena quies aderit, quae stricti nescia ferri
Altera Saturni revocet Latialia regna,
Altera regna Numa...*

*Jam nec adumbrati faciem mercatus honoris,
Nec vácuos tacitus fasces, et inane tribunal
Adcipiet cónsul: sed legibus omne reductis
Jus aderit, moremque fori vultumque priorem
Reddet, et adflictum melhor deus auferet aevum.*

(Buc. I, 50-52; 63-65; 69-73)

Agora Roma não mais chorará
Alguns Felipes, não mais celebrará, cativa, quaisquer triunfos.
Todas as guerras serão subjugadas na prisão do Tártaro,

Uma paz plena chegará que, desconhecadora do ferro
[desembainhado,
Restabelecerá os outros reinos Latinos de Saturno,
Os outros reinos de Numa,...

Então, a cúria não aceitará a aparência de uma falsa cerimônia,
Nem o cónsul calado aceitará os feixes inconstantes, e o
Tribunal inútil: aproximar-se-á, porém, toda justiça
Das leis feitas, e um deus melhor restituirá o costume
E a imagem antiga do Foro, e afastará a geração aflita.

Tal referência é encontrada em Tácito (1964) e em Suetônio (1966):

No consulado de D. Júnio e Q. Hatério, Nero, aos dezessete anos de idade, casou-se com Otávia, filha de Cláudio; e para que também com a glória de eloquência e de honrosos estudos se ilustrasse, tomou a causa dos habitantes de Ílio, donde era provindo o povo romano e Eneias, estirpe da família Júlia; e memorando fatos quase fabulosos por sua antiguidade, obteve para eles isenção de quaisquer encargos públicos. (TÁCITO, 1964)

Conduzido ao “Fórum” para aí tomar a toga, prometeu uma distribuição ao povo e uma gratificação aos soldados. Numa revista aos pretorianos, colocou-se à frente destes com um escudo na mão. Depois, solicitou ao Senado, ações de graça para seu pai adotivo. Defendeu, diante dele, então cônsul, em latim, os habitantes de Bolonha e, em grego, os de Rodes e de Ílion. (SUETÔNIO, 1966)

Enfim, um cometa aparece no céu, o qual foi assinalado por Suetônio (1966, p. 183) e Plínio e interpretado como anunciador da morte de Cláudio, em 13 de outubro do ano 54:

*Cernitis, ut puro nos jam vigésima coelo
Fulgeat? ut placidum radiantem luce cometem
Proferat? ut liquidum mittat sine vulnere sidus?*

(Buc. I, 77-79)

Vês, como já a vigésima noite brilha no céu
Sereno? Como mostra o faiscante cometa com radiante
Luz? Como esteja enviando um astro límpido sem desgraça?

Os maiores presságios da sua morte foram: a aparição dum dessas estrelas de cabeleira a que chamam de cometa. A queda dum raio no túmulo do seu pai Druso. E a morte, no mesmo ano que a dele da maior parte dos magistrados.

Calpúrnio termina o poema na esperança de que seus versos cheguem aos ouvidos do príncipe, através do pastor Melibeu:

Forsitan Augustas feret haec Meliboeus ad aures.

(Buc. I, 94)

Talvez Melibeu leve estes (poemas) aos ouvidos Augustos.

Assim, a I *Bucólica* data dos primeiros meses do reinado de Nero (por volta do ano 54 ou 57 d. C.). O *uaticinium* de Fauno representa e apresenta o programa de governo desse soberano durante o

primeiro quinquênio de atuação: justiça, liberdade, segurança e paz (vv. 42-76).

A *Bucólica IV* (escrita, provavelmente, na mesma época da I *Bucólica*) se apresenta como uma poesia essencialmente política. Calpúrnio, disfarçado no personagem Coridão, deseja que seu protetor Melibeu leve sua obra à Corte de Nero e agradece ao mesmo por ter lhe tirado da pobreza e evitado seu exílio até nos confins do mundo.

*COR. O mihi quam tenero decurrunt carmina versu!
Tum, Meliboe, sonent, si quando in montibus istis
Dicar habere Larem, si quando nostra videre
Pascua contigerit. Vellit nam saepius aurem
Invida paupertas: et dixit, ovilia cura.
At tu, si qua modo non adspersanda putabis,
Fer, Meliboe, Deo mea carmina: nam tibi faz est
Sacra Palatini penetralia visere Phoebi:
Tu mihi talis eris, qualis qui dulce sonantem
Tityron e silvis dominam deduxit in urbem,
Ostenditque Deos, et spreto dixit ovili,
Tityre rura prius, sed post cantabimus arma.*

(*Buc. IV*, 152-153)

Ó quanto os meus poemas me soam de frágil verso!
Então, Melibeu, que eles soem, se um dia eu puder dizer que
Possuí um lar nestes montes, se um dia acontecer que eu veja
As nossas pastagens. Na verdade a invejosa pobreza muitas
Vezes me atormenta o ouvido e me diz: “cuida dos apriscos”.
Mas tu, então, se julgares que alguma coisa não deva ser desprezada,
Apresenta, ó Melibeu, os meus versos ao Deus: na verdade é
[permitido a ti

Visitar os sagrados santuários do Palatino Febo:
Tu para mim serás tal qual aquele que, das florestas,
Afastou para a cidade soberana a Títiro que cantava docemente,
E apresentou-o aos deuses, e desprezado o rebanho, disse:
Títiro, cantaremos primeiro os campos, mas depois cantaremos
[as armas.

Melibeu, que aparece mais claramente na *Bucólica IV*, seria o patrono do pastor Coridão. Calpúrnio celebra Melibeu como se fosse o seu “Mecenas”, pois o poeta afirma que depois de ter lutado longo tempo contra a pobreza e ter-se exilado na Espanha, Melibeu o chama e o coloca numa melhor situação. Esse fato o faz ter acesso à corte de Nero e, mais tarde, o poeta fala da sua fortuna escondendo-se atrás do nome de Amarílís.

*COR. Tu facis, et tua nos alit indulgentia farre.
Tu nostras miseratus opes, docilemque juventam,*

*.....
Ecce nihil querulum per ter, Meliboee, sonamus,
Per te securo saturi recubamus in umbro,
Et fruimur silvis Amaryllidos...
...nisi tu, Meliboee, fuisses,*

*.....
Scilicet extremo nunc vilis in orbe iacerem,...*

(Buc. IV, 33-34; 36-39; 43)

És tu que propicias isto, e é a tua benevolência que
[nos alimenta com o pão.
Tu te apiedaste dos nossos bens, dócil e jovem,

*.....
Eis que nada é queixoso, cantamos graças a ti, Melibeu,
Pela tua ajuda nos deitamos satisfeitos na sossegada sombra,
E desfrutamos dos bosques de Amarilide. Se tu não
Tivesses existido, Melibeu,...*

*.....
Naturalmente eu jazeria desprezível agora num longínquo mundo,...
E, a segunda parte do poema consiste num elogio a Nero, apresen-
tando os seus divinos poderes.*

*COR. Carmina jam dudum, non quae nemorale resultent,
Volvimus, o Meliboee; sed haec, quibus aurea possint
Secula cantari, quibus et deus ipse canatur,
Qui populos urbemque regit, pacemque togatam.*

*.....
Scilicet extremo nunc uilis in orbe iacerem,
Ah dolor! Et pecudes inter conductus Iberas,*

*.....
At mihi, qui nostras praesenti numine terras,
Perpetuamque regit juvenili robore pacem,
Laetus, et Augusto felix adrideat ore.*

*.....
AM. Dii, precor, hunc juvenem, quem vos (nisi fallor) ab ipso
Aethere misistis, post longa reducite vitae
Tempora, vel potius mortale resoluite pensum,
Et date perpetuo coelestia fila metallo:
Sit deus, et nolit pensare Palatia coelo*

(Buc. IV, 5-8; 41-43; 84-86; 137-141)

COR. Já há muito tempo, ó Melibeu, meditamos em versos, não
[os que
Ressoam de forma pastoril; mas naqueles, pelos quais os séculos
De Ouro possam ser celebrados, e pelos quais possa ser cantado

[o próprio deus,

Que rege os povos e a cidade, e a paz romana.

.....
 Naturalmente eu agora jazeria desprezível num longínquo mundo,
 Ah dor! E conduzido entre as ovelhas da Ibéria,

.....
 AM. Deuses, eu suplico, reconduzi este jovem, que vós (se eu
 [não me engano)

Do próprio Éter enviaste, após longos tempos

De vida, ou antes cortai o fio mortal,

E dai-lhe fios celestes com um metal duradouro:

Que ele seja um deus, e não queira trocar seus Palácios pelo céu.

Tácito (s./d., p. 209-210), nos seus *Anais*, descreve um preságio ocorrido no primeiro ano do reinado de Nero:

Nesse ano a figueira Ruminal, na praça dos comícios, que oitocentos e trinta anos antes abrigara a infância de Rômulo e Remo, perdeu toda ramagem, secando-se-lhe o tronco; mas tornou a brotar depois, o que foi tido como prodígio.

A IV *Bucólica*, portanto, apresenta-nos uma referência à nova legislação implantada pelo novo soberano.

Na VII *Bucólica*, o pastor Coridão é o próprio Calpúrnio, que esteve em Roma, e o mesmo faz uma descrição da cidade, a fim de mostrar a beleza e a majestade que pairavam na *Urbs* no tempo de Nero. O poeta descreve, de modo maravilhoso, o anfiteatro de madeira construído por Nero no ano 57 d. C., no Campo de Marte (vv. 37-38). Daí se acreditar que essa bucólica foi escrita nessa época.

Tácito e Suetônio fazem alusão a esse edifício:

Do consulado de Nero, pela segunda vez, e L. Pison pouco há de narrar, a não ser que se apraza alguém em encher volumes com elogios aos fundamentos e armações de um anfiteatro construído por César no Campo de Marte;... (TÁCITO, s./d., p. 199, 13, 31,1)

E quando do combate de gladiadores, que se verificou num anfiteatro de madeira construído no espaço dum ano, no bairro, do Campo de Marte, não mandou matar ninguém, nem mesmo entre os criminosos. (SUETÔNIO, 1966, p. 188)

...*Stabam defixus et ore parenti*

Cunctaque mirabar nec dum bona singula noram.

(*Buc.* VII, 37-38)

...Permanecia imóvel e boquiaberto

E admirava todas as coisas em conjunto, e não percebendo cada
[uma dessas belas coisas em particular.

A datação dessa bucólica também pode ser estendida para o ano 63, devido à alusão aos lugares reservados aos cavaleiros, segundo uma lei estabelecida por Nero neste mesmo ano:

Designou para os cavaleiros romanos lugares adiante dos da plebe, no circo; até aquela data, eles ficavam confundidos, porquanto a lei Róscia não dispunha senão a respeito das quatorze primeiras *filas* de lugares no teatro. (TÁCITO, s./d., p. 244, 15,32)

*Nam quaecumque patent sub aperto libera coelo,
Aut eques aut niuei loca desauere tribuni.*

(Buc. VII, 28-29)

No entanto, todos aqueles lugares que se apresentam livres sob
[o céu aberto,
Ou os cavaleiros os ocupavam ou os tribunos vestidos de branco.

Além dos versos acima, temos uma belíssima descrição do anfiteatro e dos jogos patrocinados pelo imperador Nero, o qual, segundo o texto (vv. 23-72; 82-84), fazia-se presente nos espetáculos:

*...utcumque tamen conspeximus ipsum
Longius; ac nisi me decepit uisus, in uno
Et Martis vultus et Apollinis esse putavi.*

(Buc. VII, 82-84)

...de qualquer maneira, porém, nós o vimos
Muito longe; e se a minha vista não me iludiu, ao mesmo tempo
Julguei ver não só o rosto de Marte, mas também o de Apolo.

O poeta, portanto, exalta em seus versos a Roma neroniana, embriagada pelo luxo imperial; descreve de modo maravilhoso o anfiteatro de madeira reformado pelo soberano no ano de 57 d. C.

Todo este lirismo em tom político é explorado por Calpúrnio, imitando Virgílio que, com grande sensibilidade, soube louvar os méritos divinos do Imperador Augusto. E, Calpúrnio apresenta nas *Bucólicas* I, IV e VII um Nero também divinizado que, ao assumir o poder, prometeu seguir os passos de Otávio Augusto. Assim, na VII *Bucólica*, Calpúrnio compara Nero ao Sol Soberano e, às vezes, aos deuses Apolo e Júpiter.

Notamos, então, que essas três *Bucólicas* abrangem uma temática que poderíamos assim destacar:

I: ascensão do novo soberano (Nero) e a exposição de seu plano de governo;

IV: o soberano já empossado no poder e o desenrolar do seu governo sob a benevolência dos deuses;

VII: apogeu do imperador e a sua popularidade nos jogos do anfiteatro.

Assim, as bucólicas acima são variações de um mesmo tema, pois fazem referência ao mundo real – mundo histórico, político e social - e as mesmas se completam, sem se repetir.

As composições de Calpúrnio fazem parte da “descendência do lirismo latino” (GRIMAL, 1978, p. 163), cujas raízes vêm desde Virgílio, com uma linguagem nova, numa tentativa de se colocar como uma obra que representaria a época de um soberano que traria uma nova política ao interior de Roma.

4. Conclusão

A arte das *Bucólicas* de Calpúrnio não está diretamente ligada à realidade objetiva da natureza, mas o poeta cria um mundo convencional, e aí coloca os seus problemas existenciais e exalta o novo Imperador que sobe ao trono.

A época de Nero, inicialmente, apresentou-se como uma Idade de Ouro, mas depois se tornou muito funesta ao povo romano, pelo fato de o Imperador deixar as tradições romanas, não respeitar os direitos antigos e os poderes do Senado e, além disso, dar acesso a religiões estranhas aos costumes romanos. Com relação às letras, porém, Nero faz do seu Palácio um ponto de reunião de escritores, poetas e artistas a fim de incentivar o desenvolvimento das letras e das artes em Roma.

Calpúrnio, em suas *Bucólicas*, está muito ligado à vida política e esta se acha presente, principalmente, nas *Bucólicas* I, IV e VII, as quais louvam as qualidades do Imperador Nero. Essas composições anunciam que a nova Idade de Ouro havia chegado a Roma, trazendo a paz, a justiça e a ordem; o “deus”, de que Calpúrnio fala, regerá o povo romano conforme os tempos de Numa e do “divo”

Augusto. Esses poemas apresentam um vínculo entre a Natureza e o Imperador que ascende.

O poeta vê em Nero um novo Augusto. Seus poemas apresentam uma dimensão nacional, tendo como objetivo servir à causa de Roma, introduzindo temas virgilianos como ponto de partida para os fatos ocorridos durante sua época.

Assim, Calpúrnio realiza uma apoteose dos primeiros anos do reinado de Nero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLÉO, Manuel de Paiva. *O bucolismo de Teócrito e de Vergílio*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1936.

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. Tradução: Hildgard Feist. São Paulo: Cia. das Letras/ Círculo do Livro, 1990. (Coleção “A vida cotidiana”)

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. 2. ed. Brasília: INL, 1979. Cap. V, X, XIII e XVI

FALCONE, Mônica. Nero: o vilão reabilitado. *Superinteressante*, São Paulo: Abril, n. 10, p. 65-70, out. 1990.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Tradução: Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. La bucolique, de Virgile à Calpurnius et Némésien. In: *Le lyrisme à Rome*. France: Presses Universitaires de France, 1978, p. 143-167.

LEITE FILHO, Leopoldo Teixeira. *Nero artista*. Rio de Janeiro: Tip. Cruzeiro, 1915.

REBELLO, Ivone da Silva. *A intertextualidade nas Bucólicas de Calpúrnio*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. 300 fls. mimeo. Tese de doutorado em língua e literatura latina.

_____. *Dois Bucólicas de Tito Calpúrnio Sículo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1990. 210 fls. mimeo. Dissertação de mestrado em língua e literatura latina.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Tradução: Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

TÁCITO. *Anais*. Tradução: Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.

_____. *Anais* (13,4). Tradução e prólogo: Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].

TORRES, Artur de Almeida. *Miséria e grandeza de Nero*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1974.

WISHOFF, Conrado et GOEDVAL, Daniel. *Poetae latini minores*. 1731.